



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/contar-o-incontavel>

## Como contar o incontável

Emanuely Miranda<sup>1</sup>

*Narrar os desastres é um dos desafios para a divulgação científica perante a crise climática.*

Em onze de janeiro de dois mil e onze, uma enchente avassaladora tomou Nova Friburgo (RJ) e entrou para a história como a maior tragédia climática até então. A estudante de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Felícia Canella tinha nove anos de idade e crescia sob o céu da cidade quando o viu despencar. Sua história ficou para sempre dividida em antes e depois. O desafio de contá-la chega para o jornalismo científico como o desafio de escrever uma experiência que não cabe em palavras: a cheia e o vazio que a sucede.

Os períodos de cheia configuram eventos frequentes na vida de um rio. Conforme divulga o Centro Nacional de Monitoramento e Desastres Naturais (Cemaden), inundações são processos de submersão que envolvem áreas fora dos limites normais de água, sobretudo em zonas que normalmente não se encontram submersas, a partir da recorrência de chuvas e do alto volume de acúmulo nas bacias. No entanto, a ebulição global está alterando o modo como esses acontecimentos se manifestam e agravando drasticamente suas consequências. Com isso, as mudanças climáticas fomentam - de acordo com as palavras do coordenador do Setor de Cultura, Comunicação e Divulgação Científica e Cultural (Secult) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Gabriel Cid Garcia - uma encruzilhada para a ciência e afetam histórias como a de Felícia para sempre.

### Onze de janeiro

Sua família não planejava despertá-la no meio daquela noite. Esperavam que dormisse um sono tranquilo com a inocência de quem não sabe que o mundo está acabando, porém nenhum



tripulante consegue se apartar do desespero de um navio em naufrágio. Com Felícia, não foi diferente. O som apocalíptico de nuvens se misturava ao arrastar barulhento dos móveis pela casa e, então, ela acordou de repente. “Perguntei pra minha mãe o que estava acontecendo. Ela disse que chovia muito, que o rio começou a alagar e que ela ia levar as coisas lá pra cima”, conta.

Era uma casa de três andares em Conselheiro Paulino, um distrito de Nova Friburgo, onde Felícia vivia com seu pai, sua mãe, quatro irmãos e uma irmã. “Comecei a carregar para cima as coisas que eu conseguia carregar”, relembra. Em suas mãos, coube um punhado de livros e alguns álbuns de fotografia.

Entretanto, nenhuma história dos livros e nenhum registro das fotografias conseguiram prever cada segundo da eternidade que foi aquela noite somada aos dias seguintes. Seu pai, nascido e crescido em Conselheiro Paulino, acompanhou o rio com olhos temerosos durante o dia, esperando que a chuva aumentasse seu volume em poucos centímetros. No entanto, quando a noite chegou, suas expectativas e certezas se afogaram. Lá fora, pedaços de troncos vagavam pela enchente. Lá dentro, uma família se ancorava em tudo que tinha de certeza em meio ao desastre: uns aos outros.

Enquanto o céu acendia e apagava entre relâmpagos e escuridões, o pai e a mãe de Felícia desafiavam os filhos pequenos a grudarem na parede durante o clarão. E, assim, na tentativa de suportar o desastre, atravessaram a noite.

Quando amanheceu, porém, já não eram todos. Felícia, seu pai, sua mãe, seus irmãos e sua irmã sobreviveram. No entanto, perderam oito familiares entre as novecentas pessoas mortas e quase cem desaparecidas. Em cada um desses números, o incalculável e o irreparável.

### **Atenção à vida: um modo de contar o incontável**

A divulgação científica precisa se desfazer da objetividade que preconiza uma perspectiva distante e alheia sobre o que há, assombrando-se com a enormidade do incontável e se afetando por ele, bem como se atentando às miudezas que transformam as vivências em singulares. Relatos como o de Felícia não podem ser apenas números que formam montantes isolados, quantificáveis, objetivos e instrumentalizados pela produção de conhecimento e a prática jornalística nas narrativas das mudanças climáticas, como no caso das enchentes.



Ao mencionar que as mudanças climáticas formam uma encruzilhada para a ciência, Gabriel se refere ao fato de que elas vão além e nos convocam a revisar o que vem a ser de fato o conhecimento. Para ele, aí estaria um desafio ético anterior. O que vem a ser razão determinou um jeito único de estar no mundo que, por sua vez, na estima pelo progresso, fomenta um desenvolvimento insustentável seguido por desastres.

Logo, questionar pressupostos na formação de conhecimento seria um passo basilar para avançarmos no questionamento sobre a lida do jornalismo científico com as mudanças climáticas, seus desastres e as histórias incontáveis. “Não se trata, para a divulgação científica, de insistir em modelos tradicionais associados à transmissão de informações verdadeiras, nas formas eficientes de simplificação ou metaforização de algum conhecimento mais especializado, mas de discutir por que meios determinadas verdades são cristalizadas, apontar os discursos de poder que se valem do apagamento de vozes e atores excluídos dos debates hegemônicos, afirmando o esforço político na criação e legitimação de novos arranjos, novas formas de existir”, afirma.

Gabriel defende ainda que convém pensar movimentos da divulgação científica que não se separam da criação, da produção de novos sentidos, da atenção ao espanto inicial e do conhecimento que congrega múltiplos olhares. Nesse caso, estaríamos desobrigados da neutralidade e atentos à nossa relação com os outros viventes.

Caminhando nesse sentido, faz-se necessário mobilizar uma ciência que esteja em conexão com os distintos seres e as muitas forças em um cosmos complexo e sensível a tantas histórias. “A atenção às perspectivas, à dramatização, aos olhares diversos e cheios de paixão em jogo na relação entre as histórias, os afetos, as sensações, traduziriam indicadores - contraintuitivamente - mais objetivos, concretos e complementares àqueles que se valem apenas dos números, pois trazem consigo elementos complexos que entrelaçam, de modo indecível, a ciência e a cultura, as experiências e existências mínimas, podendo admitir modos de interpretação que nos desorientam e nos interpelam, fazendo-nos desacelerar, revisando nossas escalas de valor e interrogando nossas bases epistemológicas”, declara.

É preciso ativar o que pode o contato de uma história com outra para mobilizar sensibilidades no modo de estar no mundo e de fazer ciência em tempos de mudanças climáticas. Na divulgação



científica, perante à emergência de desastres e ao desafio de contá-los, importa ter, como Gabriel defende, atenção à vida e estar, como diz Krenak, em fricção com ela.

[1] Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolífer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: [emanuelymiranda.em@gmail.com](mailto:emanuelymiranda.em@gmail.com)